

# **I Censo Anatorg: análise do perfil de lideranças de torcidas organizadas**

**1st Anatorg Census:  
Analysis of the Profile of Leaders of Organized Fan Groups**

**Rosana da Câmara Teixeira**

Universidade Federal Fluminense, Niterói/RJ, Brasil  
Doutora em Sociologia e Antropologia, UFRJ

**Jimmy Medeiros**

Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro/RJ, Brasil  
Doutor em Políticas Públicas, Estratégias e Desenvolvimento, UFRJ

**Heloisa Helena Baldy dos Reis**

Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, Brasil  
Doutora em Educação Física, UNICAMP

**Felipe Tavares Paes Lopes**

Universidade de Sorocaba, Sorocaba/SP, Brasil  
Doutor em Psicologia Social, USP

**RESUMO:** Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa quantitativa que tem como objetivo examinar o perfil de lideranças de torcidas organizadas de futebol. Para realizar esse exame, elaboramos um questionário com perguntas abertas e fechadas, que foram respondidas por 64 torcedores na abertura do IV Seminário Nacional de Torcidas Organizadas, realizado em 2015. Entre outras coisas, essas respostas oferecem uma série de dados sobre o perfil sociodemográfico de tais lideranças, bem como sobre seus relacionamentos com o clube e suas associações. Também oferecem dados sobre seus hábitos, preferências e relacionamentos em dias de jogos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Futebol; Torcidas organizadas; Associações.

**ABSTRACT:** This paper presents the results of a quantitative research that aims to examine the profile of leaders of organized football fans. To carry out this exam, we prepared a questionnaire with open and closed questions, which were answered by 64 fans at the opening of the IV National Seminar on Organized Fan Groups, held in 2015. Among other things, these answers offer a series of data on the socio demographic profile of such leaders, as well as their relationships with the club and its associations. They also offer data about your habits, preferences and relationships on game days.

**KEYWORDS:** Football; Organized Fan Groups; Associations.

## INTRODUÇÃO

A Associação Nacional das Torcidas Organizadas do Brasil (Anatorg) foi fundada em 2014, inspirada no ideário dos movimentos ultras alemães e nos trabalhos da Federação de Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro (FTORJ) – que surgiu em função do crescimento “[...] das políticas repressivas implementadas por secretários de segurança de estado e por promotores do Ministério Público”.<sup>1</sup> A Anatorg representa, hoje em dia, um segmento social com quase dois milhões de pessoas e busca promover o diálogo entre as torcidas organizadas e entre elas e o Poder Público.<sup>2</sup>

Desde sua fundação, a Anatorg tem buscado estabelecer parcerias com diversos atores da sociedade civil – especialmente, com a academia, a fim de compreender melhor o segmento social que representa e estabelecer linhas de ação que contribuam para transformar, de modo criativo e pacífico, os conflitos no futebol brasileiro. Este artigo apresenta os resultados de um recorte de uma pesquisa que surgiu a partir de uma demanda sua: a de conhecer o perfil dos integrantes das torcidas organizadas e as características dos conflitos entre essas torcidas.

Os estudos sobre as torcidas organizadas consolidaram-se na segunda metade da década de 1990, coincidindo com diversos episódios de violência, que ganharam as manchetes dos principais jornais do país, despertando a preocupação das autoridades e da opinião pública.<sup>3</sup> O tom sensacionalista da cobertura midiática do período era (e continua sendo) construído por meio de figuras retóricas que ajudavam a dramatizar o problema, mas que pouco contribuíram (e contribuem) para a sua compreensão. Os torcedores organizados eram (e continuam sendo) representados por meio de uma série de metáforas, como a da “psicologia das massas”, que faz crer que são intolerantes e emocionalmente instáveis.<sup>4</sup> Ou ainda, a da “natureza”, que os identifica em termos de ações animais e/ou patológicas, colocando-os na

---

<sup>1</sup> HOLLANDA; MEDEIROS. Violência, juventude e idolatria clubística: uma pesquisa quantitativa com torcidas organizadas de futebol no Rio de Janeiro e em São Paulo.

<sup>2</sup> Disponível em: <http://anatorg.com.br/vps/>.

<sup>3</sup> LOPES. *Violência no futebol: ideologia na construção de um problema social*.

<sup>4</sup> HOLLANDA; MEDEIROS. Violência, juventude e idolatria clubística.

condição de “laranjas podres”, “excrecências”, “animais”, “vírus”, que devem ser eliminados do “corpo social”.<sup>5</sup>

Essa cobertura sensacionalista reflete uma mudança na imprensa, que, nos anos de 1970 e 1980, abordava as torcidas organizadas, principalmente, a partir de seus recursos estéticos e festividades. A partir da década de 1990, a cobertura jornalística passou a ter um papel decisivo no processo de marginalização desses torcedores, quando as matérias passaram a vincular o torcedor organizado quase que exclusivamente com o fenômeno da violência.<sup>6</sup>

Diante dessa vinculação, que construía (e ainda constrói) um nós-civilizado (sociedade em geral) sendo ameaçado por um eles-bárbaros (torcedores organizados), pesquisadores e pesquisadoras decidiram “ir a campo” e estudar, de forma mais sistemática e sistematizada, esses torcedores. Afinal, era preciso ir além dos rótulos e estigmas imputados a eles e compreender seus vínculos sociais, a lógica de suas ações e os processos históricos e sociais que deram origem a suas associações.<sup>7</sup>

Entre os estudos pioneiros, destacam-se, em primeiro lugar, aqueles de tipo etnográfico,<sup>8</sup> que foram fundamentais para a compreensão do *etos* das torcidas organizadas, seus rituais, crenças e valores. Em segundo lugar, aqueles em perspectiva histórica,<sup>9</sup> que facultaram apreender as transformações dessas torcidas ao longo do tempo, à luz da diacronia, com base em fontes históricas. E em terceiro lugar, aqueles de natureza mais “sociológica”,<sup>10</sup> que relacionaram a violência no futebol com a

<sup>5</sup> LOPES. Dimensões ideológicas do debate público acerca da violência no futebol brasileiro.

<sup>6</sup> MELIM, Tatiana. Especial futebol (V): torcidas organizadas e a cobertura da imprensa esportiva. Brasil, 18 jun. 2009. Disponível em: <http://passapalavra.info/2009/06/8662>.

<sup>7</sup> LOPES. Dimensões ideológicas do debate público acerca da violência no futebol brasileiro.

<sup>8</sup> Como os trabalhos de CESAR, *Os Gaviões da Fiel e a águia do capitalismo*. Campinas, 1982. Dissertação (Mestrado em Antropologia), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp. TOLEDO, *Torcidas organizadas de futebol*. MONTEIRO, *Torcer, lutar, ao inimigo massacrar: Raça Rubro-Negra! Uma etnografia sobre futebol, masculinidade e violência*. TEIXEIRA, *A Associação Nacional das Torcidas Organizadas do Brasil na arena pública: desafios de um movimento coletivo*. SANTOS, *Dos espetáculos de massa às torcidas organizadas: paixão, rito e magia no futebol*.

<sup>9</sup> HOLLANDA. *Football and fans*.

<sup>10</sup> Como os trabalhos publicados por PIMENTA, *Torcidas organizadas de futebol: violência e autoafirmação. Aspectos da construção das novas relações sociais*. REIS, *Futebol e Sociedade: as manifestações da torcida*. Campinas, 1998. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Unicamp; REIS, *Futebol e Violência*. MURAD, *A violência no futebol: novas pesquisas, novas ideias, novas propostas*.

violência estrutural das sociedades contemporâneas, apontando para soluções tomadas em outros países, como a Espanha.

Ainda que esses estudos iniciais tenham sido fundamentais para a constituição de um campo de estudos sobre o tema, até pouco tempo atrás, praticamente não existiam dados estatísticos sobre o perfil dos torcedores organizados. Cabe destacar que essa lacuna de dados estatísticos sobre movimentos de torcedores considerados “radicais” também é observada no plano internacional, devido à desconfiança desses torcedores em relação ao uso desses dados. Para agravar a situação, a ausência de associações representativas de torcedores em outros países parece dificultar, ainda mais, a produção desses dados. Não à toa, a maioria dos estudos sobre *hooligans*, *ultras* e *barras* tem apostado na etnografia como prática de pesquisa. De qualquer modo, um dos primeiros estudos quantitativos sobre as torcidas organizadas foi realizado pelo Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFUT), da Universidade Federal de Minas Gerais,<sup>11</sup> que aplicou questionário em 308 integrantes de torcidas organizadas de Minas Gerais, incluindo homens e mulheres de todas as idades. Na sequência, foram publicados dois outros estudos. O de Reis e Lopes<sup>12</sup> analisou uma amostra de 804 questionários respondidos por integrantes de torcidas organizadas de São Paulo, incluindo apenas homens com idade entre 15 e 25 anos. Já o de Holanda e Medeiros<sup>13</sup> abrangeu um universo com mais de mil respondentes, todos integrantes de torcidas organizadas de São Paulo e do Rio de Janeiro.

Ainda que se debruce sobre uma amostra significativamente menor do que a dos estudos anteriores, o presente artigo aborda características de torcedores organizados de diversas partes do país, e não apenas de um estado ou de uma região específica. Ademais, enfoca o “núcleo duro” das torcidas – ou seja, suas lideranças. Por possuírem grande poder de influência, elas são determinantes no rumo dos acontecimentos de suas associações, inclusive daqueles relacionados à violência.

Além de ajudar a preencher uma lacuna na literatura científica, o presente artigo é fundamental para reformular as atuais políticas de segurança para os espetáculos esportivos. Diferentes soluções já foram propostas para o problema da

---

<sup>11</sup> SILVA. Torcedores organizados em Belo Horizonte.

<sup>12</sup> REIS; LOPES. O torcedor por detrás do rótulo: caracterização e percepção da violência de jovens torcedores organizados.

<sup>13</sup> HOLLANDA; MEDEIROS. Violência, juventude e idolatria clubística.

violência, ocorre que, com frequência, as medidas implementadas possuem pouca fundamentação científica e um caráter unicamente repressivo. Essa verve punitivista reflete-se tanto na legislação específica quanto nas políticas públicas, que, sob diversos aspectos, se mostram abusivas contra aquele em nome do qual dizem desfaldar sua bandeira: o torcedor.

A principal legislação brasileira para eventos esportivos, o Estatuto de Defesa do Torcedor, possui, de acordo com alguns autores, artigos inconstitucionais, que generalizam a aplicação da pena para todos os associados de uma torcida organizada, independentemente de sua culpabilidade nos atos ilícitos cometidos por alguns deles<sup>14</sup> – cabe destacar, todavia, que esse caráter inconstitucional é polêmico, uma vez que há uma decisão do Supremo Tribunal Federal afirmando que ela é integralmente constitucional. Já o principal relatório da Comissão Nacional de Prevenção da Violência e Segurança nos Espetáculos Esportivos (Consegue), dos ministérios do Esporte e da Justiça, tem como uma de suas principais fontes de inspiração a “Teoria da Vidraça Quebrada”, que parte do pressuposto de que a delinquência é a causa da deterioração social e não o inverso, apoiando um aparelho penal intrusivo e onipresente.<sup>15</sup>

Considerando que a repressão é necessária em alguns momentos, mas insuficiente para solucionar a questão da violência – tanto que o número de homicídios relacionados aos confrontos no contexto do futebol tem crescido significativamente –,<sup>16</sup> acreditamos que é urgente o investimento em mediação de conflito e em medidas sócio-pedagógicas, como a Bélgica, a Suíça e a Alemanha têm feito.<sup>17</sup> Contudo, para tanto, é preciso, seguindo o exemplo desses países, realizar um diagnóstico consistente e preciso da situação, o que pressupõe conhecer muito bem o público-alvo dessas ações.

Assim, neste artigo, conforme já antecipamos, optamos por esmiuçar o perfil de parte desse público: as lideranças das torcidas organizadas. Mais exatamente, examinamos alguns de seus hábitos de consumo, vínculos com a torcida e com o

---

<sup>14</sup> GUILHON. Sob a pena da lei: princípios constitucionais, o Estatuto do Torcedor e o cerco às torcidas organizadas no Brasil.

<sup>15</sup> LOPES; REIS. Ideologia, futebol e violência: uma análise do relatório “Preservar o Espetáculo, Garantindo a Segurança e o Direito à Cidadania”.

<sup>16</sup> MURAD. *A violência no futebol: novas pesquisas, novas ideias, novas propostas*.

<sup>17</sup> BUSSET; BESSON; JACCOUD, 2014.

clube e como realizam seu deslocamento para os jogos. Também foi objeto de análise sua percepção sobre a intolerância no futebol, sobre as atuais medidas de segurança e sobre o funcionamento político-administrativo das torcidas organizadas e de suas entidades representativas.

A fim de alcançar esses propósitos, organizamos o artigo em seis seções, contando com esta introdução. Na segunda seção, apresentamos o desenho metodológico da pesquisa e, na seguinte, detalhamos as características do perfil sociodemográfico das lideranças torcedoras. A quarta seção aborda os perfis dos relacionamentos dessas lideranças com o clube e suas torcidas organizadas. A quinta, por sua vez, analisa os hábitos, preferências e relacionamentos em dias de jogos. Já na sexta e última, fizemos algumas considerações finais, sintetizando os argumentos aqui sustentados.

#### **DESENHO METODOLÓGICO: BASTIDORES DA PESQUISA DE CAMPO, PROCEDIMENTOS DE PRODUÇÃO E ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES**

Conforme antecipado, este estudo surgiu de uma demanda da Anartog, que pretendia conhecer melhor o perfil dos associados. Um de seus diretores, João Paschoa, contatou-nos para saber do interesse em levar a cabo uma pesquisa quantitativa, de abrangência nacional, com torcidas organizadas. Diante da relevância dessa solicitação e de uma oportunidade única de executar uma investigação dessa natureza, decidimos desenvolver uma enquete com torcidas de todo o país, nas visitas da Anartog às sedes. No entanto, consideramos relevante realizar, antes, uma primeira etapa exploratória, com uma amostra menor e mais focalizada nos líderes.

A sondagem foi levada a cabo durante o IV Seminário Nacional de Torcidas Organizadas, realizado em São Paulo, entre os dias 11 e 12 de dezembro de 2015. Organizado pelo Ministério do Esporte, este seminário contou com a presença de lideranças de todo o país, assim como de acadêmicos, autoridades públicas e operadores do Direito. Com base nas pesquisas encontradas na revisão de literatura especializada e em algumas demandas da Anartog, elaboramos um questionário com 73 perguntas, que foram respondidas por grande parte dos participantes do seminário (64 torcedores) no primeiro dia do evento, momento de maior audiência. Trata-se, portanto, de uma amostra não probabilística por conveniência.

Cabe mencionar que não consideramos a aplicação de questionários um procedimento necessariamente mais objetivo ou rigoroso do que outros, habitualmente utilizados em pesquisas com torcidas organizadas, como entrevistas em profundidade, observação participante e registros etnográficos. Afinal, não se trata de assumir uma perspectiva (ingênuo) que crê que os instrumentos quantitativos são mais confiáveis do que os qualitativos, representando fidedignamente a realidade. Ambos são atravessados pela subjetividade do pesquisador, uma vez que seus resultados dependerão de suas escolhas. É ele que, em última instância, define o método e a amostra. Conforme nos recorda Beste,<sup>18</sup> não coletamos dados estatísticos como coletamos conchinhas na praia. Trata-se de uma perspectiva complementar para observar o grupo pesquisado, produzindo novos dados de maneira a ilustrar, enriquecer e aprofundar o conjunto das reflexões.

Ademais, não podemos perder de vista que o desenvolvimento dessas estratégias se dá no contexto das relações estabelecidas entre pesquisador-interlocutor. Conforme assinala Aaron Cicourel: “Tanto a observação participante quanto as entrevistas não estruturadas e os questionários de levantamentos estatísticos (*surveys*) pressupõem a existência de uma comunidade entre ator e observador”.<sup>19</sup>

Na medida em que o observador participa do contexto sob observação, pode ser solicitado a cooperar em determinadas situações sociais, conforme aconteceu conosco. Daí a importância de explicitar os trânsitos e percursos dos estudiosos no campo, as condições em que tais informações puderam ser obtidas. A busca da Anartog por estabelecer uma relação de cooperação conosco revela que se constituiu, ao longo do tempo, uma relação de confiança entre nós. Relação fruto de diálogos que construímos, de forma contínua e sistemática, desde 2005, e que foram se consolidando a partir de 2010 (após a formação da FTORJ) em reuniões em universidades, em uma viagem de intercâmbio à Alemanha, em seminários governamentais, em encontros com torcidas, entre outros eventos no espaço público.

Nessa relação de cooperação, contamos com interlocutores estratégicos. Em diferentes situações, discutimos questões, expusemos dúvidas, arriscamos interpretações, compartilhamos opiniões. João Paschoa, em especial, teve um papel central

---

<sup>18</sup> BESTE. Audiences evaluate statistics.

<sup>19</sup> CICOUREL. Teoria e método em pesquisa de campo, p. 99.

na pesquisa.<sup>20</sup> Ao nos convidar para elaborar o Censo, ofertou-nos a possibilidade de ter acesso a dados preciosos para nossos estudos, difíceis de serem conquistados em razão das suspeitas que predominam no meio torcedor sobre interpretações que tendem a ser utilizadas contra eles, muitas vezes em tom de acusação. Outro colaborador-chave foi Flávio Frajola, que igualmente discutiu as questões do questionário conosco e compartilhou suas opiniões. Também não podemos deixar de mencionar o então presidente da Anartog, André Azevedo, que apoiou a produção da pesquisa. Importante observar que havia a expectativa por parte da associação de que nossas análises contribuíssem para uma melhor compreensão acerca da multiplicidade de experiências e configurações que permeiam o universo torcedor em um país continental diverso e desigual como o Brasil. Apostava que esses conhecimentos a auxiliaria na sua caminhada inicial, na interlocução com seus pares e na definição de estratégias para angariar apoio.

Estas considerações mostram a fecundidade do pensamento de Marcel Mauss no “Ensaio sobre a dádiva” (1925/1974), quando trata das obrigações recíprocas envolvidas na troca entre parceiros. Após analisar as modalidades de trocas nas sociedades arcaicas, Mauss sustenta que a tríplice obrigação de dar, receber e retribuir, que constitui a teoria da dádiva, permite compreender que os bens produzidos e trocados pelos membros não são apenas materiais, mas, especialmente, de ordem simbólica, demonstrando, de modo exemplar, que o valor das coisas não é superior ao valor da relação. Alain Caillé (1998), fundador e editor da *Revue du M. A. U. S. S.* (Movimento Anti-Utilitarista nas Ciências Sociais),<sup>21</sup> tem defendido a teoria da dádiva como modelo interpretativo para se pensar os fundamentos da solidariedade e da aliança nas sociedades contemporâneas. O resgate das ideias de Mauss, a partir de uma perspectiva sociológica, enfatiza a complexidade das motivações envolvidas

---

<sup>20</sup> FOOT-WHITE. Treinando a observação participante.

<sup>21</sup> O Movimento Anti-Utilitarista nas Ciências Sociais foi fundado na França, em 1981, e faz parte de um amplo processo de renovação das ciências sociais. O termo M.A.U.S.S. é tanto uma homenagem a Marcel Mauss quanto expressa a divulgação dos debates em torno da teoria da dádiva destacando seu potencial para uma crítica à doutrina neoliberal, contribuindo para romper com o modelo dicotômico que afirma que a sociedade moderna ou seria fruto da ação do Estado ou do movimento do mercado. De acordo com Martins (2005, p. 62): “na dádiva participam a obrigação e o interesse, mas também a espontaneidade, a liberdade, a amizade, a criatividade. A sociedade, nessa perspectiva relacional, é um fenômeno social total, porque ela se faz primeiramente pela circulação de dádivas (presentes, serviços, hospitalidades, doações e, também, desejos, memórias, sonhos e intenções), considerados símbolos básicos na constituição dos vínculos sociais”.

nas interações sociais, e o valor-confiança como elemento central na constituição do vínculo social.<sup>22</sup> A confiança, como bem simbólico, circula a favor do reconhecimento mútuo dos parceiros de trocas e da validação da relação.

No caso aqui analisado, observamos que, em nome dessa relação, desse acordo, Paschoa, assim como outros diretores da Anartog, teve papel decisivo na distribuição e aplicação dos questionários durante o IV Seminário em São Paulo. Afinal, havia ali uma desconfiança generalizada por parte dos torcedores em relação ao uso que seria feito das informações. Muitos temiam que elas pudessem ser repassadas à polícia, a fim de criminalizá-los. Portanto, graças à sua mediação, sinalizando que éramos “pessoas confiáveis” e “parceiros” da Anartog, eles sentiram-se à vontade para preencher o questionário e nos entregar.

O questionário foi composto por questões abertas e fechadas, redigidas em uma linguagem clara e objetiva. Para o delineamento das questões, fizemos diversas consultas aos diretores da Anartog antes da formulação final. Eles nos indicaram, também, quais perguntas poderiam causar desconforto e constrangimento. Uma vez definidas as perguntas, elas foram organizadas em três eixos temáticos: dados gerais, caracterização dos torcedores e caracterização dos conflitos. Neste artigo, debruçamo-nos, como já antecipamos, apenas sobre os dois primeiros.

Para fins de análise, as respostas relativas a esses eixos foram classificadas em um banco de dados no software SPSS. Por meio de recursos de verificação – comandos de frequência e cruzamento – exploramos o conjunto de informações obtido, considerando a discussão na literatura, bem como o contexto vivenciado pelos grupos envolvidos.

#### **CARACTERÍSTICAS DEMOGRÁFICAS DAS LIDERANÇAS TORCEDORAS**

Conforme já antecipamos, no Brasil, é possível encontrar alguns *surveys* realizados com membros de torcidas organizadas.<sup>23</sup> Nenhum desses, todavia, focaliza as lideranças dessas torcidas e possui uma abrangência nacional. Ainda que nossa amostra (64

---

<sup>22</sup> CAILLÉ, 2002. GODBOUT, 2002.

<sup>23</sup> MEDEIROS; HOLLANDA. Métodos quantitativos e ciência de dados nos estudos do esporte: prolegômenos a uma relação emergente.

questionários) possa ser, inicialmente, vista como pequena, ela consegue mensurar uma série de dados e informações a respeito de tais lideranças. Os 64 respondentes fazem parte de 46 torcidas organizadas de 36 clubes brasileiros. Todas as regiões do país estão contempladas na amostra, tendo 30 casos do Sudeste, 18 do Nordeste, 8 do Sul, 6 do Centro-Oeste e 1 do Norte. Isso, decerto, foi possível por conta da realização do evento do extinto Ministério do Esporte com as lideranças torcedoras.

Somente um dos participantes da pesquisa quantitativa é do sexo feminino – dado que indica a prevalência masculina na liderança nas torcidas organizadas. Prevalência que também se faz na base torcedora – 90% dos integrantes das torcidas organizadas do Rio de Janeiro e 86% dos membros das de São Paulo são homens, conforme apontam Hollanda e Medeiros.<sup>24</sup> Apesar dessa prevalência, o caso dessa participante é bastante simbólico, visto que marca a participação feminina em meio às lideranças. Essa presença tem sido cada vez mais recorrente nos espaços das arquibancadas ocupadas pelas torcidas organizadas.

Vale ressaltar, no entanto, que essa participante integra uma torcida de pequeno porte, que não é considerada de “pista”, ou seja, que não é reconhecida pelos outros torcedores organizados como violenta. Trata-se de uma torcida vista como “de família”, em que há, inclusive, uma intensa participação de crianças e pessoas idosas nas caravanas. Essa informação é importante, pois sugere que só há possibilidade de uma mulher galgar na estrutura de poder de torcidas organizadas em que a honra não está necessariamente vinculada a um ideal de virilidade que precisa ser provado por meio da participação em embates corporais contra torcedores adversários, ou seja, em que as práticas e representações de seus integrantes não são tão influenciadas por um modelo de “masculinidade agressiva”.<sup>25</sup>

Outra característica sociodemográfica mapeada com o estudo é o perfil de cor ou raça das lideranças das torcidas organizadas. A pesquisa possibilitou identificar 55% dos respondentes auto-classificados como brancos. De acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios Contínua do IBGE (2019), esse

<sup>24</sup> HOLLANDA; MEDEIROS. Violência, juventude e idolatria clubística.

<sup>25</sup> Sobre a participação das mulheres em torcidas organizadas e a hierarquia, sugerimos consultar: MORAES, Carolina Farias Morais e REIS, Heloisa Helena Baldy dos. Torcedoras organizadas: o jogo das negociações. AutorEsporte, 2021.

grupo no Brasil chega a 41,8%, indicando uma sobrerrepresentação de homens brancos nas lideranças das torcidas organizadas.

Ainda sobre o perfil dos participantes, 61% dos respondentes eram solteiros, 5% divorciados e o 1/3 restante era casado. A título de comparação, Holanda e Medeiros (2016) identificaram, em um *survey* realizado com torcedores organizados dos grandes clubes do Rio de Janeiro e São Paulo, uma proporção maior de “solteiros” (cerca de 75% dos respondentes), bem como cerca de 20% de casados e 3% divorciados. Conforme retomaremos, nossa hipótese é que essa proporção pode ser explicada pela diferença de idade entre as lideranças e a base torcedora. De qualquer modo, mesmo entre as lideranças, o número de “solteiros” é significativo, o que nos permite formular outra hipótese: a de que o estabelecimento de relacionamentos erótico-afetivos duradouros dificulta o engajamento exigido de um torcedor organizado mais engajado nas atividades das agremiações torcedoras, que inclui a participação em caravanas que podem durar dias. Afinal, o IBGE identificou, em 2010, que 46% dos brasileiros estavam casados e 43% eram solteiros. Proporções bem distintas das verificadas nos grupos torcedores organizados, seja liderança, seja o organizado, em geral.

No que concerne ao perfil etário, 52% dos respondentes têm até 30 anos de idade. Outros 31% têm entre 31 e 40 anos de idade e mais 15% estão na faixa dos 41 aos 50 anos. Somente 2% das lideranças entrevistadas tinham mais de 50 anos de idade. A pesquisa de Holanda e Medeiros (2016) identificou uma proporção mais jovem na base da composição da pirâmide hierárquica das torcidas organizadas: em São Paulo 67% tinham até 30 anos, ao passo que no Rio de Janeiro a proporção chega a 87%. Já Reis (2016), ao se debruçar sobre o cadastro, de 2005, da maior torcida organizada paulistana, identificou que 90% dos 65 mil cadastrados eram homens com idade média de 30 anos e meio e 10% de mulheres com idade média de 30 anos e nove meses.<sup>26</sup>

A aplicação do questionário permitiu ainda identificar que a grande maioria das lideranças possui ao menos o Ensino Médio completo. Por exemplo, 40% dos respondentes tinham completado o Ensino Médio e 47% o Ensino Superior/Pós-

---

<sup>26</sup> REIS. O perfil do torcedor organizado e a política brasileira para o futebol espetáculo, 2016.

graduação. Essa proporção é ligeiramente maior do que a dos torcedores do Rio de Janeiro e São Paulo investigados na pesquisa de Hollanda e Medeiros.<sup>27</sup> Esse padrão de escolaridade reflete-se no padrão da ocupação profissional, pois 81% tinham algum tipo de vínculo de trabalho, seja informal, seja formal CLT, servidor público ou empresário. Esse dado contribui para desconstruir o discurso recorrentemente veiculado na “grande imprensa”, principalmente quando ocorrem brigas e protestos, que afirma que os torcedores organizados são “vagabundos”, “desocupados”, “torcedores profissionais”.<sup>28</sup> Na verdade, esses torcedores parecem conciliar as atividades da torcida com atividades profissionais. Inclusive, um dos autores deste artigo, à época do doutorado, teve de reagendar algumas entrevistas com lideranças de torcidas justamente por conta das atividades profissionais destas últimas.

Por fim, a pesquisa identificou que 44% ainda residiam com os pais, dado que pode estar relacionado ao fato de que grande parte dos respondentes tinham idade inferior a 30 anos. Ao mesmo tempo, 41% declararam ter ao menos um filho. Já na supramencionada pesquisa de Reis, identificou-se 93,4% de solteiros e 6,5% de casados.

#### **RELACIONAMENTOS COM O CLUBE DO CORAÇÃO E TORCIDA ORGANIZADA**

A aplicação do questionário também possibilitou mensurar diversas questões a respeito do relacionamento da liderança das torcidas organizadas com o seu clube do coração e com a sua torcida. Aqui, vale sublinhar que, hoje em dia, reconhece-se a existência do fenômeno da bifiliação e da trifiliação clubística.<sup>29</sup> Este fenômeno, todavia, não foi por nós abordado, mas, certamente, merece ser pesquisado em novos estudos sobre as torcidas organizadas. Dito isto, destacamos que identificamos que apenas seis respondentes – cerca de 9% do total da amostra pesquisada – não possuem vínculo institucional com o clube, seja como sócio-proprietário, seja como sócio-torcedor. Nestes casos, a ligação é mantida pelo “amor” e “respeito” ao clube e, principalmente, pelo vínculo com a torcida organizada dedicada ao clube.

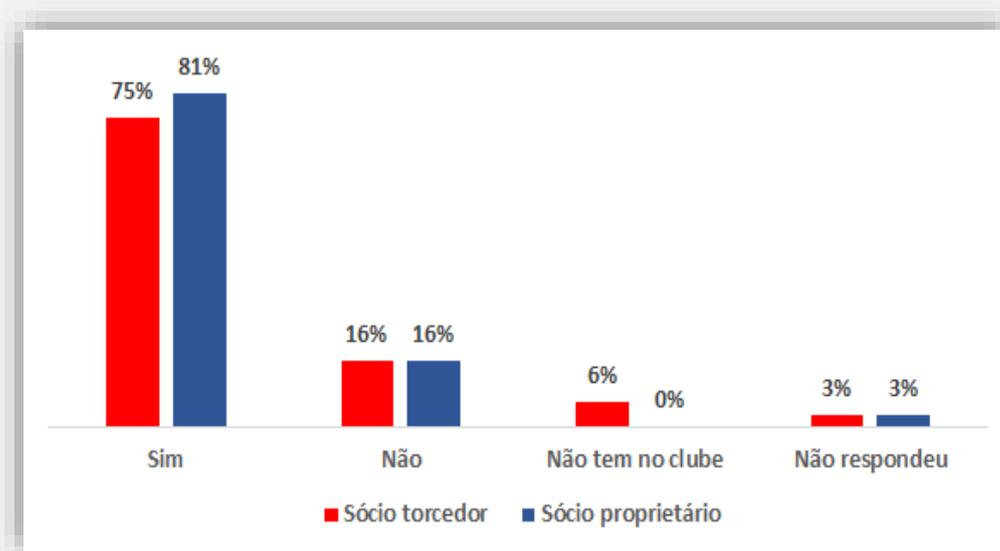
---

<sup>27</sup> HOLLANDA; MEDEIROS. Violência, juventude e idolatria clubística.

<sup>28</sup> TEIXEIRA. A Associação Nacional das Torcidas Organizadas do Brasil na arena pública: desafios de um movimento coletivo.

<sup>29</sup> TOLEDO; CAMPOS. O Brasil na arquibancada: notas sobre a sociabilidade torcedora, 2013.

Em uma análise em separado, identificamos 81% com posse de título de sócio do clube de futebol, sendo que dois respondentes (3%) não responderam à pergunta e dez declararam (16%) não ter este tipo de filiação (Gráfico 1). A posse do título sócio-proprietário é fundamental para permitir participação no processo eleitoral da instituição para a escolha do presidente e dos grupos que vão administrar o clube, por exemplo. Não à toa, uma das primeiras reivindicações dos Gaviões da Fiel, do Corinthians, foi a criação de uma modalidade mais popular desse título, que facultasse sua base associada exercer influência sobre os rumos do clube. Além disso, este título possibilita usufruir das instalações e dependências clubísticas.



**Gráfico 1** - Perfil das filiações dos torcedores respondentes em relação ao programa sócio torcedor e patrimonial do clube (%).

De forma complementar, 75% dos respondentes têm filiação com o programa sócio-torcedor do clube do coração. Além destes, quatro respondentes (6%) relataram que o clube não possui este tipo de programa, dois respondentes (3%) optaram por não responder à pergunta e outros dez declararam (16%) não ter este tipo de filiação (Gráfico 1).

Essa fidelização, de modo específico, é um fenômeno recente e emergiu no Brasil como elemento do processo de modernização do futebol. A adesão responde a diversas motivações, racionais ou não, dos torcedores organizados. Por exemplo, a motivação pela adesão tem bases sentimentais – na medida em que enseja um

sentimento de pertencimento e de que se está colaborando com o clube – e econômicas – uma vez que permite usufruir de vantagens oferecidas por empresas conveniadas e facilidades de acesso ao ingresso dos jogos do clube, quando mandante.<sup>30</sup>

Cabe sublinhar que, em função da pressão exercida por coletivos de torcedores (não necessariamente compostos por integrantes de torcidas organizadas), os sócio-torcedores de clubes como o Bahia e o Internacional têm, hoje em dia, direito a voto. O programa oferecido pelo Fluminense possui uma modalidade que confere direito ao voto, após dois anos de filiação.

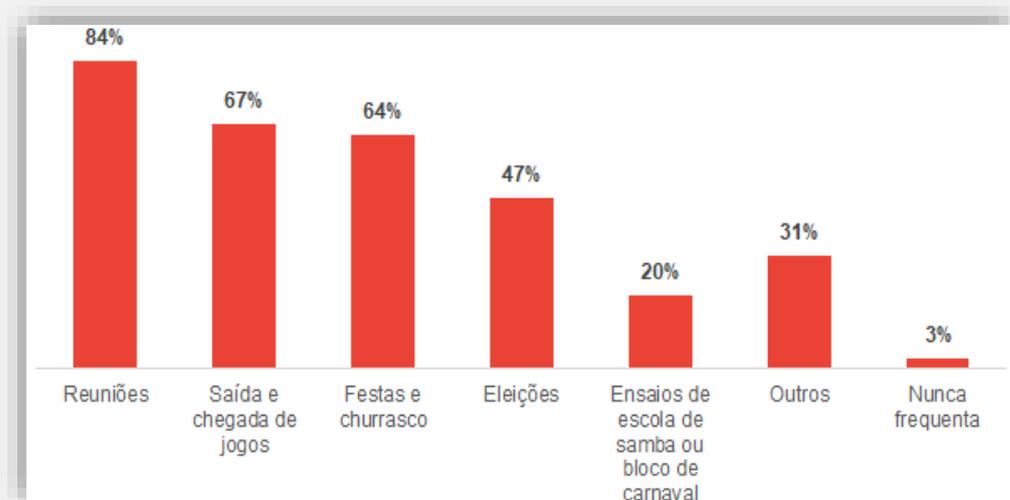
Para além das distintas formas de relacionamento com o clube, a pesquisa buscou identificar – com maior detalhamento – as diferentes formas de relacionamento com a torcida organizada. Um primeiro aspecto mapeado foram as ocasiões e eventos que a liderança consultada frequenta a sede da torcida. Embora de forma contraintuitiva, pois selecionamos para a pesquisa somente lideranças torcedoras, dois respondentes indicaram “nunca” frequentar a sede da torcida. Todos os outros 62 respondentes afirmaram ir por, ao menos, um motivo. Uma hipótese para a explicação do caso desses dois torcedores é que suas torcidas estavam, naquele momento, “rachadas” internamente. A título de exemplo: durante certo período, os Gaviões da Fiel, do Corinthians, viveram um conflito interno, o que levou à sua fragmentação, no início dos anos 2010 – quando havia o grupo da “quadra” e o da “Rua São Jorge”. Este segundo, que incluía lideranças históricas, deixou de frequentar a sede.

Considerando as opções elencadas no questionário – e presentes no gráfico 2 –, 15 respondentes declararam ir apenas por um motivo. Outros 15 frequentam por dois ou três motivos, ao passo que 18 respondentes informaram quatro motivos. E os demais 14 respondentes indicaram de cinco a sete motivadores. O motivador mais comum é a ida à sede por conta das reuniões da torcida, sendo citada 84% dos respondentes. Este é seguido pelas saídas e chegadas de jogos (67% dos casos) e festas e churrascos (64% dos casos). Eleições mobilizam poucas dessas lideranças (com 47% dos casos) e os ensaios de escola de samba (20%) ainda menos – importante

---

<sup>30</sup> MEDEIROS; GUEDON. Fidelização econômico-torcedora e laços de vinculação com o clube: uma análise dos programas sócio-torcedor cariocas.

sublinhar, todavia, que essa última é uma particularidade de algumas organizadas paulistanas (Gráfico 2).



**Gráfico 2** - Motivadores da ida à sede da Torcida Organizada (% de sim).

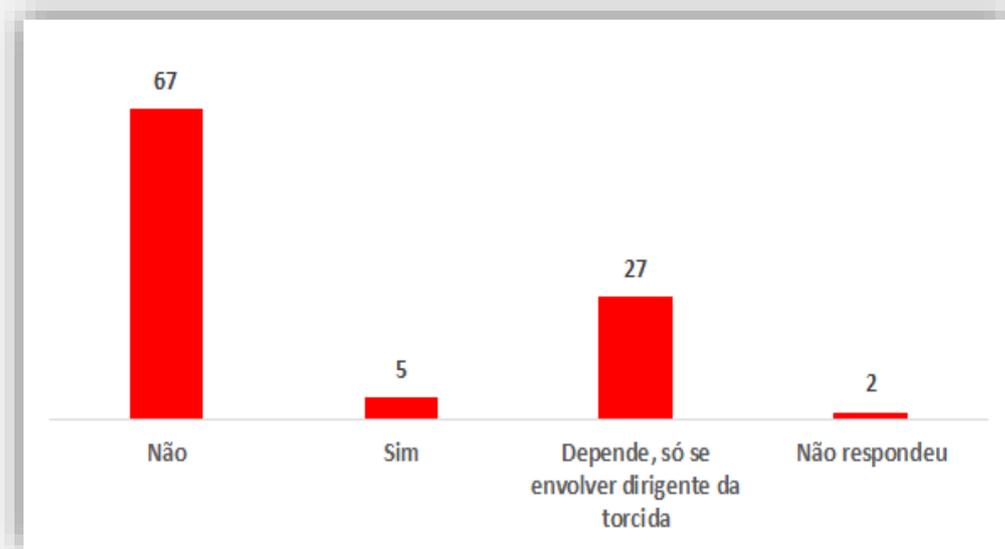
Em seguida, os respondentes foram questionados sobre formas de contribuições financeiras junto às torcidas organizadas, sendo considerada como uma das modalidades de ligação com a agremiação. Neste sentido, somente três respondentes declararam não efetuar nenhum tipo de contribuição, seja eventual, seja periódica. Dentre os demais, a modalidade mais comum é o pagamento de mensalidade, mencionada por 65% dos respondentes, ao passo que a compra de roupas e/ou souvenirs é declarada por 56% dos casos. Em menor medida, 17,5% informaram a realização de doações esporádicas, além de outras formas de doações e/ou contribuições feitas por cerca de 20% das lideranças.

A pesquisa também possibilitou dimensionar a percepção das lideranças a respeito da realização de eleições para escolha de presidente e membros do conselho. Um primeiro dado apontou que 72% dos respondentes mencionaram que suas torcidas realizam eleições periodicamente para escolha das suas lideranças. Esse dado é particularmente importante, pois serve para desfazer a ideia-feita de que as torcidas organizadas possuem “donos” e que a transição do poder ocorre somente mediante o emprego da violência física, como acontece, por exemplo, nas *barras* argentinas.<sup>31</sup>

<sup>31</sup> GRABIA. *La Doce: a explosiva história da torcida organizada mais temida*.

Ainda sobre percepções gerais a respeito das torcidas organizadas, o *survey* abordou o tema específico de aplicação de punição às torcidas por conta do comportamento violento de algum de seus integrantes. Esse tema está presente na agenda pública da área da segurança pública desde a criação do Estatuto do Torcedor e das diversas suspensões temporárias às torcidas organizadas.

Conforme o esperado, grande maioria dos respondentes é contra esse tipo de punição. Se dois terços dos respondentes se opõem a essa prática, apenas 5% declararam adesão a ela. Um grupo representativo, composto por 27% dos respondentes, apoia algum tipo de punição à torcida, desde que o dirigente da torcida esteja envolvido no caso de violência (Gráfico 3).



**Gráfico 3** - Torcida deve responder pelo comportamento violento (%).

Adicionalmente, a pesquisa permitiu identificar a percepção das lideranças de três outros aspectos relevantes desse campo. O primeiro aborda a relação clube e torcidas no que concerne à doação de ingressos do primeiro para o segundo. Nesse sentido, apenas  $\frac{1}{3}$  dos respondentes ainda concordam com a antiga prática de o clube do coração doar ingressos às distintas torcidas organizadas. Este grupo vai em sentido contrário às orientações e determinações do Ministério Público (MP) de vários estados brasileiros. É comum encontrar na grande mídia diversos acordos entre MP e clubes de futebol para impedir essa prática.

O segundo dimensionou certa adesão à profissionalização dos clubes e torcidas por meio do pagamento de salários para os dirigentes das duas instituições: 54% dos respondentes defenderam que os dirigentes de torcidas organizadas devem receber salários enquanto 62% defenderam o mesmo para os dirigentes de clubes. Defesa que legitima o processo de profissionalização das torcidas e dos clubes de futebol e que, por conseguinte, se contrapõe ao *ethos* aristocrático do amadorismo, que exalta o “amor desinteressado” por essas instituições.

### **HÁBITOS E RELACIONAMENTOS DO DIRIGENTE DE TO COM OS JOGOS DO CLUBE**

Para aprofundar no conhecimento do perfil dos dirigentes das torcidas organizadas, parte do *survey* abordou questões sobre hábitos, preferências e relacionamentos do público pesquisado em relação às idas aos jogos do clube do coração. Para isso, inicialmente, identificamos a frequência geral dos respondentes aos jogos, com base em uma escala mais qualitativa do que quantitativa. Assim, 31% dos respondentes informaram ter ido a todos os jogos do clube no ano anterior, sendo a categoria de maior engajamento. Em um nível de engajamento abaixo, 53% declararam ter ido a todos os jogos como mandante e somente alguns como visitante. Em sequência, 11% informaram ter frequentado alguns jogos como mandante e alguns como visitante. Essas três categorias concentram 95% dos casos e os 5% restantes estão dispersos, de forma equitativa, nas categorias “alguns como mandante nunca visitante”, “alguns jogos como mandante e em alguns como visitante” e “não respondeu”.

Mais interessante ainda foi identificar que 94% dos respondentes ficam nos estádios “sempre” junto às suas torcidas organizadas. Os demais respondentes mencionaram que ficam nos estádios junto com os membros das agremiações torcedoras em quase todos os jogos. Essa elevada adesão de estar nos jogos junto a sua torcida era esperado, dado que a amostra da pesquisa está focada em lideranças torcedoras.

Adicionalmente, identificamos a companhia utilizada para a ida aos estádios. Os respondentes podiam mencionar mais de uma opção de resposta, portanto. Nesse sentido, o percurso até os estádios é feito, em grande maioria dos casos, junto com outros membros da torcida organizada, conforme mencionado por 76% dos respondentes. É comum também ir aos jogos acompanhado de familiares,

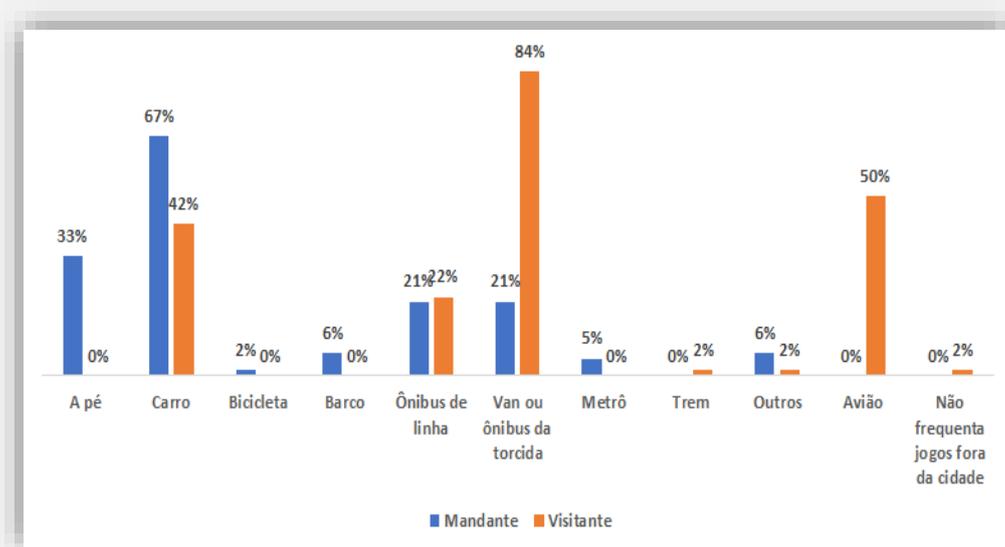
namoradas(os) e cônjuge (30% das menções). A opção sozinho foi apontada por 22% das lideranças, bem como ir junto de amigos e vizinhos que não pertencem à torcida organizada foi apontada por 13% dos casos (Gráfico 4).



**Gráfico 4** - Companhia utilizada para ir aos jogos do clube (% de sim).

Em sequência, identificamos o meio de transporte utilizado para a ida aos jogos quando o clube é mandante e visitante. Esse tipo de informação expõe comportamentos torcedor que permite fugir de preconceções. Nem toda liderança torcedora vai à sede da torcida para, em seguida, ir ao estádio. E nem toda liderança vai aos jogos nos ônibus da agremiação. Ademais, encontramos diferenças marcantes causadas, sobretudo, por conta da logística e do distanciamento da residência do respondente e da sede da torcida organizada. Por exemplo,  $\frac{1}{3}$  dos respondentes mencionaram que vão aos jogos a pé, quando o clube é mandante e nenhum apontou esta opção em caso de ser visitante no jogo. Nesse mesmo sentido, o uso do carro particular é maior em caso de jogos como mandante, em 67% dos casos, do que visitante, 42% dos casos (Gráfico 5). Esses números não confirmam nossa hipótese inicial de que o acompanhamento do deslocamento coletivo da torcida é uma atividade central para as lideranças. Inclusive, é preciso recordar que as caminhadas até o estádio são extremamente valorizadas por essas associações – que, inclusive, têm o hábito de compartilhar imagens desses momentos nas suas redes sociais virtuais.

Em sentido contrário, o uso de avião é maior em caso de jogos como visitante do que mandante, devido às longas distâncias. O mesmo padrão ocorre com o uso de van ou ônibus da torcida organizada em que 21% dos torcedores usam esta opção em caso de jogos como mandante e a proporção sobe para 84% dos casos quando o jogo é visitante. Esta modalidade configura maior controle do trajeto e autonomia para o grupo na viagem. Já o uso de ônibus de linha tem proporções parecidas, seja como mandante (21% dos casos), seja visitante (22% dos casos), sendo importante considerar que a modalidade visitante pode ocorrer em jogos na mesma cidade da sede do clube que o entrevistado torce (Gráfico 5).



**Gráfico 5** - Meio de transporte utilizado para ir aos jogos do clube quando mandante e visitante (% de sim).

Em seguida, abordamos aspectos sobre a compra de ingresso. De início, identificamos os locais utilizados para a aquisição do mesmo, sendo a sede da torcida (42%) e as bilheterias oficiais dos clubes (39%) os locais mais recorrentes, dentre as lideranças consultadas. Há menções de compra pela internet (9%), porém de forma ainda mais incipiente. E um grupo mais restrito consegue receber como doação da torcida organizada (9%), evitando dispêndio financeiro do líder torcedor.

Para complementar esses comportamentos, identificamos mais algumas preferências. Por exemplo, 48% declararam adquirir o ingresso com dias de antecedência, portanto, é sempre importante que os clubes abram a venda de ingressos com

boa antecedência. A compra do ingresso na concentração da diretoria da torcida organizada foi mencionada por 23% dos respondentes. Com a mesma proporção, 23% informaram adquirir o ingresso somente no estádio. Em menor medida, 7% declararam adquirir os ingressos com membros da torcida no bairro de encontro para a ida aos jogos e, por fim, 5% declararam comprar com membros da torcida no bairro, sem especificar o momento. Assim, a pesquisa, realizada em 2015, cabe recordar, possibilitou identificar a presença da prática de aquisição de ingressos junto com a torcida, mas já em um período de transição para a compra junto ao clube, bilheterias e programas sócio-torcedor.

Diante do exposto, podemos afirmar que o conjunto de questões abordadas na pesquisa contribui para oferecer um quadro geral a respeito das lideranças torcedoras, tornando mais concreto o perfil socioeconômico e dando luz e voz a este público sobre as características dos seus relacionamentos com o clube do coração e a torcida que representa. Além disso, busca dimensionar alguns hábitos em dias de jogos. A abordagem selecionada para esta análise é a quantitativa, para permitir dimensionar esses perfis para todo o grupo. Em geral, a abordagem qualitativa é a mais utilizada em investigações com lideranças torcedoras,<sup>32</sup> ao passo que os estudos quantitativos tratam de grandes coletivos, sejam os organizados, sejam os não organizados.<sup>33</sup> Desta forma, os dados apresentados contribuem por oferecer uma abordagem complementar a outras pesquisas do campo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este estudo permite-nos tecer algumas linhas interpretativas. Nos quase sete anos de existência, configurou-se em torno da Anartog uma arena pública, constituída por vários palcos de atuação e seus respectivos bastidores. No trânsito por diferentes cenas públicas (seminários do governo federal, debates na mídia, em universidades, reuniões com torcidas, participação em audiência na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro, encontros com representantes de órgãos de segurança e forças policiais,

---

<sup>32</sup> TEIXEIRA. A Associação Nacional das Torcidas Organizadas do Brasil na arena pública.

<sup>33</sup> MEDEIROS; HOLLANDA. Métodos quantitativos e ciência de dados nos estudos do esporte: prolegômenos a uma relação emergente.

diálogos nas redes sociais, presença nos estádios), essa associação tentou estabelecer pontes e mobilizar múltiplos atores sociais para sua causa. Contudo, também enfrentou resistências, críticas e cobranças. Em certos momentos, foi confrontada com situações problemáticas, como, por exemplo, a intensificação de casos de violência envolvendo torcidas pelo país, que colocavam à prova sua capacidade de gerenciar os conflitos interorganizacionais.

Por tudo isto, a criação de uma entidade nacional de torcidas organizadas situa o Brasil em amplo debate internacional sobre as novas faces do associativismo em torno do futebol profissional.<sup>34</sup> Inúmeros estudos vêm acompanhando os esforços desses grupos em dar tréguas nas rivalidades para organizar alianças e se lançar no espaço público em defesa do seu estilo de torcer.<sup>35</sup> Seguindo esse rumo, concordamos que as associações são espaços de sociabilidade e socialização, contextos híbridos de experiências, engajadas em relações de colaboração em que a unidade e a continuidade são problemas práticos cotidianos:

As associações são menos sistemas de funções bem integradas do que produtos instáveis, sempre em transformação, de nexos de ações e de interações em contato com uma 'ordem local'. Elas são arenas de trocas e de conflito, de cooperação e competição, de invenção de soluções a problemas de negociação de convenções coletivas e de composição de racionalidades múltiplas.<sup>36</sup>

Nesse sentido, a experiência recente da Anartog tem contribuições a dar para uma melhor compreensão do fenômeno social do associativismo na contemporaneidade. Em seu protagonismo, difunde novas gramáticas traduzindo seu sentimento de indignação e injustiça em agendas reivindicatórias, posicionando-se como sujeito de direitos frente ao processo de mercantilização do futebol e de criminalização de suas performances. Contestatórias e catárticas, tais performances têm sido consideradas inadequadas e indesejáveis. Em contrapartida, assume o compromisso de trabalhar junto às torcidas para a redução dos confrontos, e na conscientização da

---

<sup>34</sup> BUSSET. BESSON. JACCOUD. *L'autre visage du supportérisme. Autorégulations, mobilisations collectives et mouvements sociaux*.

<sup>35</sup> BUSSET. GASPARINI. *Aux frontières du football et du politique. Supportérisme et engagement militant dans l'espace public*.

<sup>36</sup> CEFAÏ; VEIGA; MOTA. Introdução, p. 35.

importância de defenderem suas instituições. Um empreendimento, sem dúvida, marcado por ambiguidades e paradoxos.

Dia após dia, a questão da representatividade está no cerne das suas preocupações, pois precisa definir um projeto coletivo em que as organizações torcedoras se sintam contempladas. Todavia, muitas vezes, sua relação estreita com o Estado gerou sentimentos de incertezas no que diz respeito à sua autonomia. O dilema estava posto: ter uma participação efetiva em instâncias de diálogo e deliberação na esfera federal, que subsidiava eventos e colocava face a face torcedores e membros de diferentes instituições, e representar os interesses dos seus associados.

Concebida e lançada nos bastidores do III Seminário Nacional de Prevenção da Violência em 2014, a Anartog viu-se frente a um duplo desafio: provar a autenticidade dos seus propósitos junto à opinião pública e conquistar a aprovação das torcidas organizadas do país. Contudo, “à medida que a associação avança nas teias burocráticas, seus líderes sofrem acusações de terem se afastado das bases, de não “serem mais de arquibancada”.<sup>37</sup> Isto demonstra que a relação com o Estado afetou o conjunto das relações no interior do próprio movimento, gerando em alguns momentos dúvidas, críticas e desconfianças. Estava clara a necessidade de conciliar estas dimensões.<sup>38</sup>

No trânsito pelo espaço público almejando o reconhecimento social para suas demandas, formulou estratégias de ação e visibilidade: criação de site,<sup>39</sup> página no Facebook, reuniões em sedes de torcidas e encontros durante os seminários governamentais. A responsabilidade dos líderes frente às agremiações foi um tema intensamente debatido no III Seminário Nacional. Havia consenso entre os participantes de que as lideranças, por serem uma referência para os outros componentes, especialmente os jovens ingressantes nesses coletivos, precisariam se engajar em uma mudança de comportamento, sendo fundamental combater a “heroicização da violência”<sup>40</sup> e publicizar os aspectos positivos da experiência torcedora. Uma tarefa urgente se desenhava: era imprescindível sensibilizar e convencer as torcidas sobre os benefícios da coalizão.

---

<sup>37</sup> TEIXEIRA. A Associação Nacional das Torcidas Organizadas do Brasil na arena pública, p. 122.

<sup>38</sup> Fonte: <https://es-la.facebook.com/anartorgoficial/posts/1035464276519145:0>.

<sup>39</sup> Fonte: <https://anartorg.com.br/x/>.

<sup>40</sup> TEIXEIRA. A Associação Nacional das Torcidas Organizadas do Brasil na arena pública, p. 124.

Ao longo do ano de 2015, a Anartog investiu nos diálogos e negociações em diferentes frentes. É justamente nesse cenário que surge a ideia de realizar o I Censo sobre torcidas organizadas. As lideranças avaliavam que a produção de um estudo estatístico forneceria subsídios efetivos para nortear os diálogos intraorganizacionais. Para sua realização, convidaram os pesquisadores com os quais mantinham conversações e que vinham acompanhando esse processo, se mostrando sensíveis aos seus pleitos. Os “acadêmicos”, naquele contexto, desempenharam o duplo papel de observadores e atores em sua arena pública, na condição de participantes da recém-criada Câmara Temática de Estudiosos no âmbito da Consegue.<sup>41</sup> Ademais, a reeleição da Presidenta Dilma Rousseff, do Partido dos Trabalhadores (PT), no pleito de 2014, para um novo mandato (2015-2018), anunciava a continuidade dos projetos envolvendo torcidas. Este fato animava a associação a prosseguir em sua caminhada e se manter firme nos seus propósitos, a despeito das mudanças no comando da Secretaria Nacional de Futebol e Defesa dos Direitos do Torcedor.

A aplicação dos questionários ocorreu em dezembro de 2015 no IV Seminário Nacional de Torcidas Organizadas, quando a Anartog completava um ano de existência. Em seu discurso, fez um balanço da gestão, lançou a campanha “torcidas unidas”, para reconciliar conflitos, reafirmando seu compromisso de lutar “pela paz no futebol” e combater a violência. Para os diretores e membros de torcidas ali presentes, empenhou a palavra de que trabalharia pelos direitos das agremiações, e pediu o apoio de todos, incentivando-os a atuarem nas suas localidades para ganhar mais adesões em nome das instituições.

Os dados aqui apresentados e analisados foram conquistados nessa situação social que se configurava – ao mesmo tempo como espaço de monitoramento por parte dos agentes públicos que desejam manter a associação em sua esfera de controle e como ambiente que oportunizava trocas, diálogos e negociações entre torcidas e destas com o poder público.

---

<sup>41</sup> Para integrar a Câmara foram convidados Bernardo Buarque de Hollanda (CPDOC/FGV), Felipe Tavares Lopes (UNISO), Heloísa Baldy dos Reis (UNICAMP) e Rosana da Câmara Teixeira (UFF). Importante sublinhar a participação da pesquisadora Heloísa Baldy dos Reis na constituição da Consegue e a sua atuação como consultora dos ministérios da Justiça e dos Esportes de 2003 a 2015.

A importância desse fórum no processo de lutas das torcidas organizadas e na elaboração de políticas públicas de prevenção mais inclusivas parece cada vez mais evidente com a sua desarticulação após a deposição de Dilma Rousseff em 2016 e a posse de Michel Temer na presidência. A descontinuidade dos projetos e iniciativas que vinham sendo desenvolvidos se consolidou com a transformação do Ministério do Esporte a uma pasta no recém-criado Ministério da Cidadania pelo governo do atual presidente Jair Bolsonaro.

Contudo, a despeito do cenário político desmobilizador, agravado pela pandemia provocada pela Covid-19, que levou ao distanciamento social e à proibição da presença das torcidas nos jogos de futebol, a associação continua se mantendo ativa. Através das redes sociais, particularmente a TV Anartog, no seu canal no YouTube,<sup>42</sup> promoveu inúmeras *lives* em 2020 para manter vivos seus ideais e fomentar as discussões em torno de temáticas do interesse das agremiações. Esperamos que a entidade se mantenha firme nos propósitos e acordos pactuados, assim como nos diálogos com as torcidas.

\* \* \*

## REFERÊNCIAS

BEST, Joel. Audiences evaluate statistics. In: BEST, Joel; LOSEKE, Donileen R. **Social problems: constructionist readings**. New York: Walter de Gruyter, 2003, p. 43-50.

BUSSET, Thomas; BESSON, Roger; JACCOUD, Christophe. **L'autre visage du supportérisme** – Autorégulations, mobilisations collectives et mouvements sociaux. Berne/Suisse: Peter Lang As/Centre International d'Étude Du Sport, 2014, v. 6.

---

<sup>42</sup> Fonte: <https://www.youtube.com/channel/UCfAObnC66vOHw5U44iqv1cA/about>.

BUSSET, Thomas; GASPARINI, William. **Aux frontières du football et du politique** – Supportérisme et engagement militant dans l'espace public. Berne, Suisse: Peter Lang As/ Centre International d'Étude Du sport, 2016, v. 8.

CAILLÉ, Alain. Nem holismo nem individualismo metodológico: Marcel Mauss e o paradigma da dádiva. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, n. 38, 1998.

CAILLÉ, Alain. Dádiva e associação. In: MARTINS, Paulo Henrique. (Org.). **A dádiva entre os modernos**: discussão sobre os fundamentos e as regras do social. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 191-205.

CEFAI, Daniel, VEIGA; Felipe Berocan; Mota, Fabio Reis. Introdução. **Arenas públicas**: por uma etnografia da vida associativa. Niterói: EDUFF, 2011, p. 9-63.

CICOUREL, Aaron. Teoria e método em pesquisa de campo. In: Guimarães, Alba Zaluar Guimarães. (Org.). **Desvendando máscaras sociais**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora AS, 1969/1980, p. 87-121.

FOOT-WHITE, William. Treinando a observação participante. In: GUIMARÃES, Alba Zaluar Guimarães. (Org.). **Desvendando máscaras sociais**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1943/1980, p. 77-86.

GRABIA, Gustavo. **La Doce**: a explosiva história da torcida organizada mais temida. São Paulo: Panda Books, 2012.

GODBOUT, Jacques. Homo donator versus homo oeconomicus. In: MARTINS Paulo Henrique. (Org.). **A dádiva entre os modernos**: discussão sobre os fundamentos e as regras do social. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 63-97.

GUILHON, Marcelo Faria. Sob a pena da lei: princípios constitucionais, o Estatuto do Torcedor e o cerco às torcidas organizadas no Brasil. In: HOLLANDA, Bernardo Buarque Borges; AGUILAR, Onésimo Rodriguez. **Torcidas organizadas na América Latina**: estudos contemporâneos. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2017, p. 76-100.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **Football and fans**. In: Curi, Martin. (Org.). **Football in Brazil**. Londres: Routledge, 2009.

HOLLANDA, Bernardo Buarque Borges de; MEDEIROS, Jimmy. Violência, juventude e idolatria clubística: uma pesquisa quantitativa com torcidas organizadas de futebol no Rio de Janeiro e em São Paulo. **Revista Hydra**, v. 1, n. 2, 2016, p. 97-125.

LOPES, Felipe Tavares Paes. **Violência no futebol**: ideologia na construção de um problema social. Curitiba: CRV, 2019.

LOPES, Felipe Tavares Paes. Dimensões ideológicas do debate público acerca da violência no futebol brasileiro. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 27, 2013, p. 597-612.

LOPES, Felipe Tavares Paes; REIS, Heloisa Helena Baldy. Ideologia, futebol e violência: uma análise do relatório "Preservar o espetáculo, garantindo a segurança e o direito à cidadania". **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 69, 2017, p. 36-51.

MARTINS, Paulo Henrique. A sociologia de Marcel Mauss: Dádiva, simbolismo e associação. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 73, dez. 2005, p. 45-66.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas, em **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: EDUSP, 1925/1974, p. 37-184.

MEDEIROS, Jimmy; GUEDON, Philippe Chaves. Fidelização econômico-torcedora e laços de vinculação com o clube: uma análise dos programas sócio-torcedor cariocas. **FuLiA/UFMG**, v. 4, n. 2, p. 25-42, 2019.

MEDEIROS, Jimmy; HOLLANDA, Bernardo Buarque Borges de. Métodos quantitativos e ciência de dados nos estudos do esporte: prolegômenos a uma relação emergente. **Record**, v. 13, p. 1-25, 2020.

MELIM, Tatiana. **Especial futebol (V):** torcidas organizadas e a cobertura da imprensa esportiva. Brasil, 18 jun. 2009. Disponível em: <http://passapalavra.info/2009/06/8662>. Acesso em: 15 abr. 2021.

MONTEIRO, R. A. **Torcer, lutar, ao inimigo massacrar:** Raça Rubro-Negra! Uma etnografia sobre futebol, masculinidade e violência. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

MURAD, Maurício. **A violência no futebol:** novas pesquisas, novas ideias, novas propostas. São Paulo: Benvirá, 2017.

MURAD, Maurício. **A violência e o futebol:** dos estudos clássicos aos dias de hoje. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

PIMENTA, Carlos Alberto M. **Torcidas organizadas de futebol:** violência e auto-afirmação – aspectos da construção das novas relações sociais. Taubaté: Vogal, 1997.

REIS, Heloisa Helena Baldy dos. O perfil do torcedor organizado e a política brasileira para o futebol espetáculo. **Tríade**, v. 4, n. 7, jun. 2016.

REIS, Heloisa Helena Baldy dos. **Futebol e Violência.** Campinas: Armazém do Ipê, 2006.

REIS, Heloisa Helena Baldy dos; LOPES, Felipe Tavares Paes. O torcedor por detrás do rótulo: caracterização e percepção da violência de jovens torcedores organizados. **Movimento**, v. 21, n. 3, p. 693-706, 2016.

TEIXEIRA, Rosana da Câmara. A Associação Nacional das Torcidas Organizadas do Brasil na arena pública: desafios de um movimento coletivo. Bogotá, **Antípoda**, Revista de Antropología y Arqueología 30, p. 111-128, 2018. Disponível em <https://dx.doi.org/10.7440/antipoda30.2018.06>. Acesso em 11 abr. 2021.

TEIXEIRA, Rosana da Câmara. Aprendizagens e sociabilidades juvenis: a experiência das Torcidas Jovens cariocas. **Desidades**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 13, p. 20-27, 2016.

TOLEDO, Luis Henrique. **Torcidas organizadas de futebol.** Campinas: Autores Associados; Campinas: Anpocs, 1996.

TOLEDO, Luis Henrique; CAMPOS, Flavio de. O Brasil na arquibancada: notas sobre a sociabilidade torcedora. **Revista USP**, n. 99, 2013, p. 123-138.

SANTOS, Tarcyanie Cajueiro dos. **Dos espetáculos de massa às torcidas organizadas**: paixão, rito e magia no futebol. São Paulo: Annablume, 2004.

SILVA, Silvio Ricardo da et al. Torcedores organizados em Belo Horizonte. In: SILVA, Silvio Ricardo da; DEBORTOLI, José Alfredo de O.; SILVA Tiago Felipe da. **O futebol nas Gerais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012, p. 23-48.

\* \* \*

**Recebido para publicação em: 16 abr. 2021.**  
**Aprovado em: 28 jun. 2021.**